



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 08/06/2023 | Aprovação: 06/08/2023

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/14641>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i28.14641>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 28 | Jan-Jun, 2023, pp. 287-299



LIVRO DO DESASSOSSEGO: UMA VISÃO AUTOBIOGRÁFICA DE BERNARDO SOARES, HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA

LIVRO DO DESASSOSSEGO: AN AUTOBIOGRAPHIC VISION OF BERNARDO SOARES, FERNANDO PESSOA'S HETERONYM

Rafael Henrique PIMENTEL-LOBATO  

Universidade Federal do Pará (UFPA)¹

AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA  

Universidade Federal do Pará (UFPA)²

Resumo: O presente trabalho pretende analisar aspectos autobiográficos presentes na produção de Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, tomando como objeto o “Livro do Desassossego”, publicado pela primeira vez em 1982. A obra é uma coletânea de mais de 400 fragmentos com reflexões do autor sobre o mundo, suas mazelas, angústias e alegrias. Fernando Pessoa, ao conceber o heterônimo Bernardo Soares, o caracteriza como ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, expondo seus pensamentos mais íntimos acerca de seu monótono cotidiano. Nesse sentido, a vida para Bernardo Soares é exatamente o que se expõe na obra, sendo pela alcunha, pela forma de se escrever ou simplesmente pelo que se escreve. Para ele, viver é uma coletânea de dores e alegrias, que embora narradas e lidas, pouco alheiamente podem ser sentidas, o que colabora para o argumento de que a obra é marcada por um pacto autobiográfico entre autor, heterônimo e eu-lírico.

Palavras-chave: Autobiografia. Bernardo Soares. Fernando Pessoa. Livro do desassossego.

Abstract: *The present work intends to analyze autobiographical aspects present in the production of Bernardo Soares, Fernando Pessoa's heteronym, taking as object the “Livro do Desassossego”, first published in 1982. The work is a collection of more than 400 fragments with the author's reflections about the world, its ills, anxieties and joys. Fernando Pessoa, when conceiving the heteronym Bernardo Soares, characterizes him as a bookkeeper's assistant in the city of Lisbon, exposing his most intimate thoughts about his monotonous daily life. In this sense, life for Bernardo Soares is exactly what is exposed in the work, whether by the nickname, the way of writing or simply by what is written. For him, living is a collection of pains and joys, which, although narrated and read, can be felt a little alien, which contributes to the argument that the work is marked by an autobiographical pact between author, heteronym and lyrical self.*

Keywords: *Autobiography. Bernardo Soares. Fernando Pessoa. Livro do Desassossego.*

¹ Discente de Graduação em Letra – Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL). Campus Universitário de Abaetetuba (CUBT) - E-mail: rafa00712345@gmail.com

² Doutor em Teoria e História Literária. Professor de Literatura, da Faculdade de Letras (FALE), no Instituto de Letras e Comunicação (ILC) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) E-mail: augustos@ufpa.br

INTRODUÇÃO

No filme *Forrest Gump - O contador de histórias* (1994), o personagem fictício e protagonista Forrest Gump citava a vida conforme os ensinamentos de sua mãe, para a qual “a vida é como uma caixa de bombom, você nunca sabe o que vai encontrar”. A passagem, em questão, revela que há uma diferença entre o ato de viver e a vida propriamente dita, pois, as escolhas que fazemos nem sempre são tão saborosas. Saindo do meio cinematográfico, e entrando no literário, observamos uma divergência de representatividade no sentido da existência daquele eu-lírico apresentado por Pessoa/Soares. É com essa curiosidade reflexiva que se dá o *corpus* deste artigo.

A socióloga Leonor Arfuch, em seu livro *O espaço Biográfico, Dilemas da subjetividade contemporânea*, publicado em 2002, na Argentina, e somente em 2010, no Brasil, recapitula uma reflexão muito viva em grande parte dos entusiastas literários: “O que em primeiro lugar, determina a centralidade do *relato da narrativa*?” (ARFUCH, 2010, p. 8). Para ela, a subjetividade da resposta a esta questão está composta na pluralização das formas de narrar, dificultando assim a rotulação de uma centralidade maior (ou melhor) que outra.

Partindo desse viés pluralista, trataremos do tema “autobiografia”, sob a ótica de um dos maiores autores da literatura portuguesa, Fernando Pessoa, e seu heterônimo Bernardo Soares, unificados na obra *Livro do desassossego*. Realizamos uma análise dos aspectos autobiográficos encontrados e seus efeitos para a compreensão dos conflitos de autoria presentes na poética de Fernando Pessoa e da coletânea dos mais diversos fragmentos, todos escritos através das compreensões de Bernardo Soares, acerca da temática em questão.

O LIVRO DO DESASSOSSEGO

Esta obra foi elaborada durante mais de duas décadas da vida do escritor português Fernando Pessoa, e publicada postumamente, no ano de 1982. Trata-se de uma coletânea de mais de 400 fragmentos, que popularmente pode ser vista como um diário; respeitosamente, como uma alma materializada; e definitivamente, como o ato de “sentir”. Inicia-se através da apresentação do autor, Bernardo Soares, que é um dentre as dezenas de heterônimos que Fernando Pessoa nos apresenta. Soares é ajudante de guarda-livros em um comércio na cidade de Lisboa, capital de Portugal, e dispõe seus dias a escrever sobre seu tedioso e ao mesmo tempo instigante cotidiano, seja pelas mazelas que a vida lhe traz, ou confusões internas que, embora comuns, são abordadas de maneiras intimistas.

Para Richard Zenith, “mesmo que Pessoa tivesse revisto e organizado o livro e por mais que tivesse domado e domesticado, seria sempre uma obra constituída por fragmentos” (BLOGLETRAS,

2022). Ora, a palavra de um vencedor do Prêmio Pessoa, em 2012, deve ser levada em conta, não como verdade única e universal, mas como ideia sujeita a acréscimos, afinal, o próprio Fernando Pessoa, por meio de Bernardo Soares, afirma:

Um dia talvez compreendam que cumpri, como nenhum outro o meu dever nato de intérprete de uma parte do nosso século; e quando o compreendam, hão-de escrever que na minha época fui incompreendido, que infelizmente vivi entre desafeições e friezas, e que é pena que tal me acontecesse, e o que escrevi isto será na época em que o escrever, incompreendedor como os que me cercam, do meu análogo daquele tempo futuro. Porque homens só aprendem para uso de seus bisavós, que já morreram. (PESSOA, 2006, p. 191).

Portanto, acima de tudo, esta é também uma obra atemporal, afinal, não é de hoje que as tentativas de interpretações partem de todos os estudiosos da escrita Pessoaana. Analisando cada um desses mais de 400 trechos escritos por este que é considerado um grande nome da literatura portuguesa, de forma sensata, mas muitas das vezes saindo do âmbito metafísico. Para o escritor, “Viver é ser o outro” (PESSOA, 2006, p. 94), pois todos podemos ser um pouco de Bernardo Soares, uma vez que é impossível terminar a leitura desta obra, sem encontrar um fragmento que represente algo já vivido, ou que, sob a perspectiva de uma vida finita, se torne possível que ocorra. Muitos dizem que Fernando Pessoa nasceu fora do seu tempo. Na verdade, o autor foi incompreendido em sua contemporaneidade pelo mesmo motivo que justifica não ter sido amado: “não tinha que ser” (PESSOA, 1993, p. 85). Para compreender a obra, deve-se começar entendendo as ideias do autor, sejam elas diretas ou não, levando em conta que o livro aqui estudado não foi objetivado de forma linear. Portanto, sigo apresentando Fernando Pessoa através de uma mecha de sua escrita.

FERNANDO PESSOA E UMA BIOGRAFIA “DESNECESSÁRIA”

Octávio Paz, crítico literário, poeta e autor do livro *Fernando Pessoa, O Desconhecido De Si Mesmo*, ressalta: “Os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia”. E ainda completa uma afirmação a respeito de Pessoa: “Nada em sua vida é surpreendente, nada, exceto seus poemas” (PAZ, 2006). É partindo desse princípio que apresento, brevemente, neste artigo, o narrador, o personagem, o narrador-personagem e algumas observações complementares sobre a obra em estudo.

Nascido em 13 de julho de 1888, na cidade de Lisboa, Fernando António Nogueira Pessoa é sem dúvida um dos autores mais consagrados da literatura portuguesa, sua escrita perpassa as barreiras do físico e, de forma sutil ou brusca, o escritor, ao lado de suas dezenas de heterônimos, nos faz refletir sobre a vida e sobre nós mesmos. Os heterônimos de Fernando Pessoa vão muito além de simples autores fictícios que assinam suas obras. Em uma carta, escrita para o poeta Adolfo Casais

Monteiro, Pessoa afirma: “A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim” (PESSOA, 1935). Portanto, as criações do mesmo não partem de uma aleatoriedade, muito pelo contrário, para se chegar às alturas, deve-se primeiramente sair de solo.

Desse modo, a história de Bernardo Soares não se inicia de uma hora para outra com a única finalidade de se constituir os fragmentos do *Livro do Desassossego*, ela vem das mais diversas complexidades, até chegar à escrita desta obra. Soares ficou órfão da mãe quando tinha um ano de idade. Mais tarde, tornou-se ajudante de guarda-livros em um comércio de Lisboa e escrevia durante a noite. Para Soares, a vida não deixava de ser curiosa e interessante, seja pelo que já havia passado, pelo que estava acontecendo ou pelo que, através da especulação, o excitava para uma futura realidade, pois “São horas talvez de eu fazer um único esforço de eu olhar para a minha vida. Vejo-me no meio de um deserto imenso. Digo do que ontem literariamente fui, procuro explicar a mim próprio como cheguei aqui.” (PESSOA, 2006, p. 17).

Falar de Bernardo Soares é decodificar uma raiz de Fernando Pessoa. São, de fato, exemplos “concretos” da personalidade ao ser que a detém, porém não de forma unificada, mas sim heterogênea. Para muitos, Soares não é nada além de um simples ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, ora, talvez até ele próprio durante a narrativa, por vezes sofra dessa espécie de auto-degradação. Não que Bernardo Soares seja uma personalidade influenciável de Fernando Pessoa. Mas que, tal como o ato de bocejar, em que de forma contagiosa acabamos repetindo certos gestos de maneira involuntária; no caso de Soares, pela monotonia de seu cotidiano. Viver, sentir e relatar à risca o que foi vivido e sentido definitivamente não é algo trivial, porém não é problema achar nesta obra fragmentos que por mais anestésicos que sejam trabalhem de forma reveladora no íntimo do leitor. Por exemplo, a busca pela romanização de fatos é algo enraizada em muitos daqueles que escrevem, mudando sentimentos tantas vezes até chegar ao papel que lado a lado da alcunha de “superficial” irá existir um teor de “originalidade”. Por outro lado, Bernardo Soares expõe a condição crua da alma humana, da sua alma, seja ela qual for, sem edição de fatos ou alívio para melhor recepção dos leitores, afinal, o desassossego é o carro chefe desta obra que foi, por vezes, tão incompreendida, por conta de sua escrita ou de sua profundidade. Deve-se levar em conta a multiplicidade de artifícios literários utilizados por Pessoa durante sua vida. Com foco na obra aqui estudada a seguir veremos mais acerca de dois pontos: a escolha pessoal da autobiografia e a utilização dos heterônimos como complemento.

AUTOBIOGRAFIA E HETERONÍMIA

O professor e ensaísta francês Philippe Lejeune, considerado especialista em autobiografia, define a mesma como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p.16). Isso nos acrescenta em muito na análise de uma obra cujo narrador personagem nada mais é que uma personalidade do escritor, como é o caso do *Livro do Desassossego*. Desse modo, o pacto autobiográfico do eu-lírico em questão converte a obra em dois eixos centrais: a personalidade e sua linearidade narrativa. Afinal, Bernardo Soares desempenha diversos papéis, seja ele apenas uma voz ou de fato o ser dos acontecimentos relatados, mas tendo como foco principal não se perder durante a narrativa, deixando de representar aquilo que de fato lhe ocorre, e passando a pautar seus fragmentos sobre uma visão deturpada de Fernando Pessoa, mesmo que de forma inconsciente.

Embora seja do conhecimento de todos que Fernando Pessoa e o gênero romance não sejam tão íntimos, é possível observar certos traços desse gênero, no decorrer da narrativa. Esta foi uma obra publicada postumamente, logo, não possui uma finalidade aleatória, pois, não foi organizada por Pessoa. Enquanto muitos críticos ressaltam que este livro foi organizado com foco autobiográfico por respeito às preferências literárias do autor, pode haver aqueles que questionem se foi a melhor maneira de construí-lo. Desse modo, é comum também nos questionarmos acerca dos motivos que levaram Fernando Pessoa a se utilizar da autobiografia, mais especificamente nos entrelaços da heteronímia para a materialização dos fragmentos; talvez por mero capricho ou pelo simples ato de nos fazer refletir acerca da realidade cotidiana do narrador personagem em confluência com a de nós mesmos. Talvez, também, considere-se mais prático e dinamicista se utilizar apenas do gênero romance na narrativa. Realizamos a análise deste questionamento em concordância com o seguinte trecho do escritor Francês André Gide, que em dado momento de sua vida se dispôs a interpelar sobre uma possível hierarquia entre romance e autobiografia, ele ressalta:

Não se trata mais de saber qual deles, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem outro: à autobiografia faltariam a complexidade, a ambiguidade etc.; ao romance, a exatidão. Seria então um e outro? Melhor: um em relação ao outro. (GIDE, 2009, p.28).

Também vale ressaltar a importância da heteronímia, que se faz presente na vida de Fernando Pessoa e em seu estilo literário. Desse modo, Carolina Luiza Damiana Chieratto, em sua monografia *A Heteronímia De Fernando Pessoa como Expressão Da Modernidade*, nos apresenta sua visão acerca desse tão questionado método de escrita

Os pedaços de um ser formam o homem da modernidade que desmembrou-se em diversos outros “eus” que mal se reconhecem diluindo a unicidade de uma alma e instituindo diferentes faces dentro de um único eu; È esse o espírito que Fernando Pessoa e seus heterônimos trazem para o circuito artístico e que revelam o caótico estado que o humano construiu dentro de si mesmo. (CHIERATTO, 2010, p. 54).

Chieratto define de forma minuciosa e pessoal sua visão acerca daquilo que outrora para muitos estudiosos da escrita pessoana foi um tabu. Esse “desmembrar” do ser e de sua essência é uma grande amostra dos efeitos da chegada do progresso e da modernidade. Chieratto questiona: “Teria o homem perdido não apenas sua identidade, mas também sua essência nesta corrida incessante que o progresso e a modernidade colocam frente aos seus desafiantes, a humanidade?” (CHIERATTO, 2010, p. 51). Tentamos responder essa questão ressaltando que para o ser, assim como para o mundo em geral, a modernidade não chega com o intuito de retirar algo, seja a essência do ser humano ou de sua realidade vivida. Muito pelo contrário, a modernidade objetiva acréscimos. Logo, ela acrescenta um salto muito grande entre o “simples” e o “surreal”. Desse modo, aquele que foi considerado outrora como “tempo de adaptação” se extingue quase que por completo, tornando-se necessário acostumar-se já imerso nessa modernidade, e isso remete a confusão humana. Sigo apresentando mais ideias com foco na modernidade e no desassossego que acompanha sua manifestação.

O DESASSOSSEGO NA MODERNIDADE

Yuri Andrei Batista Santos e Vânia Lúcia Menezes Torga, em seu artigo *Autobiografia e (re)significação*, publicado no ano de 2020, analisam o termo autobiografia em confluência com a ideia do professor André Luis Mitidieri Pereira que partindo do viés etimológico se trata do “registro da vida, do grego, *bíos*, vida e *gráphein* que, por sua vez, está para escrever, desenhar, gravar entre outras possibilidades” (MITIDIERI, 2010). Isso nos dá uma amostra de como o pacto autobiográfico se entrelaça por mais de uma forma de narrativa, saindo muitas das vezes da linguagem falada, que outrora, em tempos como o do Trovadorismo, predominavam na arte através das cantigas. Logo, vale ressaltar a importância de se levar em consideração aspectos da modernidade presentes nessa forma de escrita autobiográfica.

Gianpaolo Franco Dorigo retrata em sua dissertação de Mestrado *Sobre viver na modernidade: uma leitura do livro do desassossego de Bernardo Soares por Fernando Pessoa* aspectos importantes acerca do *Livro do Desassossego*. Para o pesquisador, “a vida pacata de Bernardo Soares surge como uma máscara que oculta forte tensão interna” (DORIGO, 2007, p. 1). De fato, Bernardo Soares poupa a sociedade da época de possíveis surtos de histeria (todos muito bem justificados, caso ocorressem), seja por problemas cotidianos ou pelo frequente hábito da

observância que lhe permitia tomar certas dores para si, não de forma egocêntrica e muito menos prazerosa, mas digamos que, inevitável. Ele era um aprendiz da vida como tinha que ser, e à medida que seu entendimento se aprofundava, ele aprofundava ao leitor na língua dos homens e isso era seu maior peso.

Escrevo, triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei. E penso se a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substância de milhares de vozes, a fome de dizerem-se de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha ao destino quotidiano, ao sonho inútil, à esperança sem vestígios. Nestes momentos meu coração pulsa mais alto por minha consciência dele. Vivo mais porque vivo maior. (PESSOA, 2006, p. 6).

Este fragmento é um bom exemplo do que Dorigo ressalta em seu trabalho quando define que o autor toma para si as dores do mundo. A vida de Bernardo Soares faz grande relação com a transição que se dá a partir da chegada da modernidade. Para ele, viver nesse âmbito significa começar a deixar de lado os sentimentos alheios, olhar para o mundo com indiferença e não se abalar com os desgastes trazidos por ele. Porém, isso não ocorre de forma brusca, viver na modernidade exige certo grau de expurgo por parte de quem outrora foi um ser sentimental, que é o caso de Soares, ele sofre durante essa transição:

Não sei sentir, não sei ser humano, conviver. De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra. Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano, nítido. Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens. Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta. Uma razão para descansar, uma necessidade de me distrair. Uma coisa vinda diretamente (sic) da natureza para mim. (PESSOA, 1993, p. 26).

O trecho, acima, ressalta a inquietude de Fernando Pessoa com a percepção da modernidade. Dorigo ressalta que ao analisar a obra pessoana, para além do *Livro do desassossego*, percebemos o tema do tédio com certa recorrência. O pesquisador afirma que a leitura de Baudelaire tocou a sensibilidade de Pessoa, colocando sua vida no caminho que iria ao encontro a Bernardo Soares, como que unindo o ser próprio (Fernando Pessoa) ao ser que lhe faz morada (Bernardo Soares). De modo geral, a vida é maior que qualquer conceito que a busquem por taxar, por isso o esforço de pensar sobre ela traz consigo um tédio a Bernardo Soares, o mesmo ressalta:

Viver a vida em Extremo significa vivê-la até ao limite [...] Pode viver-se a vida em extremo pela posse dela, pela viagem ulisseia através de todas as sensações vividas, através de todas as formas de energia exteriorizada. Raros são, porém, [...] os que podem fechar os olhos cheios do cansaço soma de todos os cansaços, os que possuíram tudo de todas as maneiras. [...] a vida, tão difícil de possuir completa, e tão triste de possuir parcial. (PESSOA, 2006, p. 124).

Dorigo destaca a importância de compreender a modernidade não como estágio de adaptação social, mas sim como uma areia movediça que age de forma lenta, porém contínua. Ele retrata a permanência do tédio na vida de Bernardo Soares e sua influência para a escrita desses fragmentos. De fato, Soares não é um dos maiores entusiastas da vida, mas também não a rejeita por completo, ele deixa de tratá-la como existência em si e passa a rotulá-la como um caminho a percorrer. Ele explica a melancolia que envolve a obra, seja pelo lamento ao despertar ou pelas dores nas primeiras horas do dia. Para ele: “A escrita do *Livro do desassossego* busca captar essas tensões que dão forma ao viver na modernidade” (DORIGO, 2007, p. 97). Mas, acerca da escrita, não é à toa que Dorigo faz uma importante analogia a respeito de Soares, interligando-o com a ideia de que Charles Pierre Baudelaire se faz presente nas entrelinhas do *Livro do Desassossego*. Observamos esse ponto a seguir.

CHARLES BAUDELAIRE E SUA INFLUÊNCIA NA OBRA PESSOANA

Luciana Paiva Coronel, em seu artigo *A poesia em prosa de Charles Baudelaire e Fernando Pessoa: cruzamentos*, publicado em 2007, ressalta a importância de Charles Baudelaire para o campo da poesia. Referente aos seus estudos que envolvem a modernidade, ela nos expõe como a escrita pessoana, no *Livro do Desassossego* tem correlação com os *Pequenos poemas em prosa* de Baudelaire, que assim como no caso de Fernando Pessoa, foi publicado postumamente, no ano de 1869.

Coronel expõe as ideias dos estudiosos Malcolm Bradbury e James McFarlane, para ela se “o modernismo é a consciência da desordem, do desespero e da anarquia” (BRADBURY; MCFARLANE, 1999, p. 31) a proximidade entre o *Livro do Desassossego* tanto quanto a dos *Pequenos poemas em prosa* e a ótica moderna é inegável. Portanto, levando em consideração as ordens de publicação, é possível que de fato Fernando Pessoa possa ter se entrelaçado na obra de Charles Baudelaire para assim constituir de forma mais embasada o *Livro do Desassossego*.

Se na *mélange* insólita do Livro do desassossego há a representação da inconstância da vida e da sensibilidade modernas, “Tudo me interessa e nada me prende” (fragmento 10, p.53), parece também haver a rejeição de muitas das características da modernidade. Homem de seu tempo e homem preso ao passado, Bernardo Soares encarna em si todas as contradições do presente. (CORONEL, 2007, p. 6).

De fato, é muito presente na obra de Pessoa, tanto aspectos modernos quanto os ditos “antimodernos” uma vez que a narrativa parte de uma espécie de descontentamento presente na busca pelo contentar. Isso é perceptível nos fragmentos em que o autor rememora fatos já citados, como seu quarto, por exemplo, porém não com a mesma repulsa de outrora. Essa pluralidade não está presente

apenas no corpo do texto como um todo, ela também se manifesta pela multiplicidade das formas de se ler *O Livro do desassossego*, observo esse aspecto no próximo tópico.

A POSSIBILIDADE DE RELEITURA DA OBRA PESSOANA

Em seu artigo *A vida como sonho. Reler o Livro do desassossego à luz do sonho lúcido e do yoga do sonho*, publicado no ano de 2018, Paulo Borges nos traz uma análise mais abrangente acerca do estilo literário de Fernando Pessoa, sendo, segundo ele: “a experiência da vida e do mundo como uma ilusão ou sonho” (BORGES, 2018). Essa relação entre a escrita de pessoa e esse espaço imaterial do lugar para a criação, é algo recorrente no *Livro do desassossego*. Borges utiliza sua percepção totalmente despreziosa para afirmar que tradições literárias ocidentais estão presentes na obra em questão, embora, como ele mesmo vem a citar, sejam rejeitadas pela tradição literária dominante.

Seu trabalho faz relação entre o estilo Pessoaano e a tradição índio-tibetana - com algumas divergências que não são relevantes para este estudo – que retrata a possibilidade da utilização dos sonhos para conhecimento e libertação espiritual, mas com enfoque em se ter e cultivar sonhos lúcidos. Cita-se a “experiência heteronímica” de Fernando Pessoa como abertura para o sonhar, com consciência de se estar sonhando, dando a este ato os desdobramentos desejados.

Borges se dispõe a fazer uma reflexão sobre o ser que sonha e que se pode, através do método da *yoga do sono*, em que o estado máximo de relaxamento está em conjunto com a permanência da consciência, recorrer aos princípios dessa esfera para introduzi-la na escrita. Logo, essa teoria é mais que válida, levando em consideração a gama de características das quais dispõe os mais diversos heterônimos de Pessoa, em especial Bernardo Soares, que indiretamente condiz aos pressupostos de Borges. Bernardo Soares cita no livro do desassossego: “A vida para mim, é uma sonolência que não chega ao cérebro. Este conservo eu livre para que nele possa ser triste.” (PESSOA, 2006, p. 122). Borges afirma que Bernardo Soares não sonha apenas criando em si várias personalidades, o que, levando em consideração ser um heterônimo, enriquece mais a obra, mesmo que de forma involuntária, ele também sonha entrando na vida de várias criaturas, configurando de alguma forma seus pontos de vistas à sua concepção de mundo.

ao passar diante de casas, de vilas, de chalés, vou vivendo em mim todas as vidas das criaturas que ali estão. Vivo todas aquelas vidas domésticas ao mesmo tempo. Sou o pai, a mãe, os filhos, os primos, a criada e o primo da criada, ao mesmo tempo e tudo junto, pela arte especial que tenho de sentir ao mesmo (tempo) várias sensações diversas, de viver ao mesmo tempo – e ao mesmo tempo por fora, vendendo-as, e por dentro sentindo-as – as vidas de várias criaturas”. (PESSOA, 2006, p. 299).

Borges foge de qualquer explicação presente no mundo físico para definir a obra pessoana, ele atribui esses conceitos e vantagens literárias ao mundo dos sonhos, onde a partir de sua compreensão do Yoga do sono são aprimorados o senso crítico das dezenas de heterônimos de Fernando Pessoa, em especial Bernardo Soares. De fato, a análise de Borges vai ao encontro com os pressupostos Pessoaanos acerca da vida, como uma folha de papel em branco, com espaço para a criatividade como um todo, por meio de uma ilusão ou um sonho insubstancial. Ele afirma:

parece evidente que a experiência onironauta de Bernardo Soares, em toda a diversidade da sua fenomenologia e teorização, cruza-se abundante e significativamente, em simultânea convergência e divergência, com alguns aspectos das práticas do sonho lúcido e do yoga do sonho, sem manifestar ter disso consciência e mostrando uma forte singularidade. (BORGES, 2018. P. 27)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a vida de fato é como uma caixa de bombom, pois ambas apesar da rotulação, são na verdade um mistério. Viver, parte e ao mesmo tempo foge da premissa do existir. Mesmo com tantos estudiosos literalmente dedicando sua existência para a compreensão da obra pessoana, e sua decisão autobiográfica presente, em especial, no *Livro do Desassossego* e suas entrelinhas, arriscamos dizer que o sentido final é que não houve de fato uma decisão do autor ao se estabelecer esse pacto autobiográfico, mas sim uma necessidade irrefutável.

Mesmo que encontradas todas as respostas acerca desta obra, as conclusões posteriores retornariam à estaca zero, pela imensa subjetividade presente na questão. Exemplo disso é a grande viagem que os estudiosos dessa obra se dispõem e ao mesmo tempo se sentem na necessidade de realizar, sendo possível, literalmente, sair do plano físico e adentrar no mundo dos sonhos, como outrora já visto.

Bernardo Soares nunca foi apenas um simples ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, assim como Fernando Pessoa não foi apenas um escritor que passou pelo plano material simplesmente para turbilhar as emoções de seus entusiastas. Vejam só, a nossa “facilidade” em falar de Soares como autor, quando, na verdade, é apenas uma gama de sentimentos de quem realmente molhou a pena com a tinta.

Soares afirmou viver várias vidas e muitos outros afirmam, ainda hoje, viver a vida de Soares, seja pela monotonia inevitável de seu cotidiano, ou pela análise alternada acerca do existir. Para ele, a incerteza de acordar com o espírito do contentamento mundano ou com a alma de um homem inconformado, era pior que a certeza da própria mortalidade. E isso, é claro, se de fato morreu. Pois

a histeria de Fernando Pessoa não se findou, ela é o reflexo do que todos nós pensamos ao ler sobre seu primeiro amor, por exemplo.

Por fim, não vemos melhores palavras para compor uma tentativa de descrever a obra de Fernando Pessoa, tanto quanto a vida e sua perspectiva pelo olhar autobiográfico de Bernardo Soares que as do outrora já ressaltado escritor Richard Zenith, seguido de uma breve discordância: “O *livro do desassossego* é uma sequência de fotografias estranhamente íntimas tiradas por um fotógrafo que as revela com palavras” (ZENITH, 2013). Na verdade, a nosso ver, nem mesmo o fotógrafo mais detalhista seria capaz de uma representação tão milimétrica acerca do viver.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO CAMPOS - **Livro de Versos**. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da subjetividade Contemporânea**. 1. ed. Rio De Janeiro: UERJ, 2010.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. *Dialogia*, n. 13, 2011.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Hedra, 1937.

BORGES, Paulo. **A vida como sonho. Rer o Livro do desassossego à luz do “sonho lúcido” e do “yoga do sonho”**. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 32, ed. 66, p. 1335 - 1366, 2018.

BRADBURY, Malcolm, MCFARLANE, James. **Guia geral do modernismo**. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CHIERATTO, Carolina Luiza Damiana. **A heteronímia de Fernando Pessoa como expressão da modernidade**. 2010.

CORONEL, Luciana Paiva. **A poesia em prosa de Charles Baudelaire e Fernando Pessoa: cruzamentos**. 2007.

DORIGO, Gianpaolo Franco. **Sobre viver na modernidade: uma leitura do livro do desassossego de Bernardo Soares por Fernando Pessoa**. PUC-SP, São Paulo, p. 1-91, 2007.

ESCRITOS Íntimos, Cartas e P.inas Autobiográficas. Fernando Pessoa. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986.

FORREST Gump: o contador de histórias. Produção de Robert Zemeckis. Estados Unidos. Paramount Pictures Studios, 1994. Streaming (2h 22min.), son., color. Acesso via Netflix.

GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MITIDIERI, A. L. **Como e porque (des)ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 2010.

PAZ, Octávio. **Fernando Pessoa o desconhecido de si mesmo**. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1982.

PESSOA, Fernando. **Livro Do Desassossego**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 560 p. v. 1.

PESSOA, Fernando. Poemas Inconjuntos. In: **Poemas de Alberto Caeiro**. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993), p. 85.

SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Autobiografia e (res) significação**/Autobiography and (Re-) Signification.

ZENITH, Richard. **Livro Do Desassossego: O romance Possível**. In: ZENITH, Richard. Livro Do Desassossego: o romance possível. [S. l.], 3 dez. 2013. Disponível em: <https://www.blogletras.com/>. Acesso em: 18 dez. 2022.